



AMIGOS PELA PREVENÇÃO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DO PROJETO SAÚDE DE PREVENÇÃO NAS ESCOLAS (SPE) EM UMA ESCOLA DO RIO GRANDE DO SUL

Mônica da Silva Gallon*
João Bernardes da Rocha Filho**

RESUMO

O texto relata a aplicação do projeto denominado Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE) em uma escola pública da região metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, que implantou nova abordagem educativa quanto aos temas ligados à vulnerabilidade dos estudantes, como drogas, violência, sexo inseguro, gravidez na adolescência e comportamentos prejudiciais, de forma geral. O projeto envolveu a capacitação de um grupo de professores, incluindo materiais didáticos e estruturas de apoio para inserção na escola, que posteriormente capacitaram estudantes que se tornaram multiplicadores de prevenção, atendendo diretamente seus colegas. Os pais e a comunidade escolar foram informados da ação, e os resultados se mostraram altamente positivos, com redução do índice de gravidez na adolescência e uso de drogas lícitas e ilícitas.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde e Prevenção nas Escolas, Educação para a saúde, Educação não-formal.

*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática – PUCRS.
monica.gallon@gmail.com

**Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática – PUCRS.
jbrfilho@pucrs.br

Introdução

O projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE) envolve a parceria entre o Ministério da Educação e o Ministério da Saúde, com o apoio da UNESCO, UNICEF e UNFPA e integra as ações do Projeto Saúde da Escola (PSE). Estas instituições constituem um Grupo de Trabalho Federal (GTF) que institui as diretrizes e faz a avaliação e o monitoramento do projeto e subprojetos em âmbitos de grupos de trabalho estaduais e municipais.

Esforços por parte do Ministério da Saúde vêm no sentido de articular, juntamente com a educação, ações relacionadas à saúde sexual e saúde reprodutiva, ocorrendo desde meados de 1995. O SPE trata de assuntos ligados à prevenção à gravidez precoce, da violência escolar e do uso de drogas, além de questões de gênero e diversidade sexual, entre outros temas, preconizando o fortalecimento de debates e da participação juvenil (BRASIL, 2011).

No município de Canoas, RS, foi implementado o projeto no ano 2007, na forma de uma parceria entre a Secretaria de Educação e Secretaria da Saúde. Ao todo, o projeto abrangeu 34 escolas, sendo 11 municipais de Ensino Fundamental, 12 municipais de Educação Infantil e 11 estaduais.

O primeiro passo do programa foi a capacitação de professores das redes municipal e estadual de ensino por meio de oficinas sobre gravidez, doenças sexualmente transmissíveis (DST's), violência escolar e uso de drogas, visando a tornar esses educadores elementos de referência sobre os assuntos relacionados à vulnerabilidade do jovem dentro da escola. A esses profissionais foram fornecidos, além da formação, propriamente dita, materiais didáticos e apoio para inserção do trabalho em suas instituições de origem, bem como continuaram recebendo suporte da coordenação municipal para implantação do projeto. Partindo desse movimento, as escolas nas quais havia um professor de referência receberam um programa de

capacitação para um grupo de alunos, preparados para atuarem como *multiplicadores de prevenção*, sendo vistos pelos demais estudantes da escola como referências sobre assuntos ligados à prevenção e saúde. A partir desse ponto cada escola seguiu com seu projeto próprio, de acordo com as demandas específicas, já que os contextos eram diferenciados.

Alinhado com este projeto, o presente relato informa sobre a implantação em uma das escolas municipais, transcorrido no ano de 2010. A escola, situada no Centro de Canoas, contava à época com cerca de 1038 alunos, atendendo do 1º ano a 8ª série, e no segmento EJA. Para implantação do programa foi feita a escolha dos alunos participantes por meio da representatividade dos líderes de turma das séries finais, posteriormente sendo realizado o convite aos pais para uma reunião, com o objetivo de esclarecer-lhes a natureza do projeto e o trabalho que seus filhos, os multiplicadores, desenvolveriam. Formou-se, então, um grupo inicial de 16 alunos.

Desenvolvimento

Após a constituição do grupo, desenvolveram-se numerosas atividades baseadas nos temas norteadores tratados pelo SPE. Os alunos *multiplicadores de prevenção* passaram a ser vistos pelos colegas como referências, sendo procurados para conversar a respeito de assuntos relacionados. Os multiplicadores foram instruídos a conduzir os fatos com discrição e orientados a não *prestarem consulta*, mas sim orientarem os colegas a buscarem serviços técnicos especializados disponíveis no município, ou diálogos amistosos com a família. Sabemos que o adolescente aprende mais com outros adolescentes (BRASIL, 2011), e pensando assim esses jovens passaram a auxiliar nas aulas, enriquecendo debates de assuntos relacionados à orientação sexual e saúde, sendo estes, tratados como temas transversais e, por isso, presentes nas diversas áreas do conhecimento. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (BRASIL, 2013), a transversalidade deve ser compreendida como uma forma de introduzir temas às diversas disciplinas, de maneira a estarem presentes permeando todas elas.

Dentro da escola estruturou-se então o Projeto Amigos Pela Prevenção, com o objetivo central de informar os alunos multiplicadores de forma que esses pudessem atuar com seus pares, em sala de aula e em seus grupos naturais. Nos anos de 2011 e

2012 os alunos tiveram encontros quinzenais com a professora multiplicadora para debates de problemas que eles vivenciavam na escola, como *Bullying*, violências verbais contra professores e uso de drogas, e eles propuseram formas de abordagem dos assuntos no âmbito escolar.

Nesses encontros ainda houve, com o tempo, a renovação dos alunos, conforme os participantes do grupo inicial egressavam da escola, ocorrendo essa mudança por livre adesão, havendo muitos interessados na participação do projeto. Nas reuniões, aproveitou-se ainda para a inserção de novos temas de trabalho, à medida que o grupo de professores multiplicadores participava de formações continuadas mensais juntamente com a coordenadora do grupo municipal, com atualizações nos assuntos e palestras com serviços especializados do município.

Dentre os trabalhos desenvolvidos houve a participação em campanhas antitabagismo, nas quais os alunos realizaram entrevistas com colegas e comunidade escolar e, posteriormente, prepararam cartazes, mobiles para exposição na escola (Foto 1) e marcadores de página incentivando o abandono do fumo. Seguiu-se campanha no dia dos namorados, dentro do ambiente escolar e o convite de um shopping da cidade, localizado nas imediações da escola, e do Serviço de Atendimento Especializado do Município (SAE) para distribuição de material de divulgação ao público frequentante do espaço para uso de preservativo e o incentivo a procurar o SAE para testes de HIV. No dia mundial de luta contra a AIDS, 1º de dezembro, os alunos distribuíram tatuagens removíveis entre os colegas, com mensagens sobre uso de preservativo e também material de divulgação falando sobre a importância do tratamento e contra o preconceito sobre a doença.



Foto 1 - Mobiles confeccionados pelos estudantes pertencentes ao grupo de multiplicadores referentes à campanha antitabagismo realizada na escola (Foto: Mônica Gallon).

Aproveitando o interesse e disponibilidade do grupo em divulgar ações relacionadas à saúde e prevenção dentro da escola, os estudantes passaram também a levar alguns trabalhos aos alunos das séries iniciais, como prevenção à violência escolar, *Bullying*, e também temas relacionados à saúde, como higiene bucal e corporal, alimentação saudável e doenças relacionadas ao frio, como a Campanha da Gripe (Foto 2).



Foto 2 - Grupo de alunos multiplicadores alertando colegas das séries iniciais a respeito das doenças relacionadas ao frio (foto: Mônica Gallon).

Com a estruturação do trabalho e conforme o interesse dos alunos por determinados assuntos, seguiram-se reuniões e trabalhos contando com a autonomia que o grupo adquiriu. Sendo assim, os próprios estudantes passaram a organizar oficinas e a desenvolver trabalhos com os colegas, com a supervisão da professora multiplicadora da escola, dispendo do auxílio à intermediação de outros professores, suporte e materiais sempre que necessário.

Sendo um tema considerado que permite uma abordagem transdisciplinar, é trabalhado sem a formalidade e a especificidade de um conteúdo disciplinar, mas focado na cotidianidade, despertando grande curiosidade e interesse entre os jovens. Essa abordagem pode ser uma forma de atrair o interesse do aluno, já que conforme Rocha Filho et al. (2009) a desconsideração ao contexto dos alunos, em qualquer disciplina, representa uma das causas apontadas para o desinteresse de muitos. Ainda segundo os autores, um trabalho baseado na transdisciplinaridade pode ultrapassar as barreiras estabelecidas entre as disciplinas com “o objetivo de construir um conhecimento integral, unificado e significativo” (ROCHA FILHO et al., 2009, p. 36)

Os temas tratados pelo SPE ainda geram polêmica na comunidade escolar, sendo por vezes confundida com incitação ao sexo, pornografia, incentivo a atos libidinosos, entre outras acusações. Tais *rotulagens* não partem apenas das pessoas que observam a escola de fora de seus portões, mas também de próprios colegas professores, que por vezes acabam fazendo interpretações equivocadas e preconceituosas do trabalho. Por isso, é papel do professor multiplicador esclarecer a comunidade sobre a natureza benéfica do projeto, norteando e orientando o grupo e esclarecendo os pais sobre o propósito do trabalho.

De acordo com Louro (1998), a escola no seu cotidiano trabalha a sexualidade muito além das possíveis sessões de educação ou *orientação sexual* que estão previstas no currículo; em consequência, qualquer tentativa de um projeto alternativo acarreta tomada de decisões mais amplas. O professor, em sua formação inicial, não recebe aporte suficiente para tratar de tais assuntos, considerando muitas vezes o tema sexualidade como algo desvinculado da *vida real*, tendo dificuldades de reconhecer a sexualidade como conteúdo natural da educação (OLIVEIRA, 1998).

Trabalhar com tal tipo de projeto implica lidar com diferentes concepções religiosas, tipos familiares e culturais, porém é necessário não *fechamos os olhos* para os

problemas que cercam nossos jovens. Louro (1998) afirma que ninguém é especialista nessa tarefa dentro do âmbito escolar, mas todos são, de certa forma, responsáveis por isso, e é impossível fazer educação sexual e educação para a saúde e convivência como se estes fossem detalhes externos, alheios a nós. Somos todos agentes nesse processo, sendo direta ou indiretamente afetados. Sendo o tema trabalhado entre pares, trata-se de um processo de educação informal, podendo ocorrer em conversas entre os jovens e/ou em outros ambientes que não a escola (OLIVEIRA, 1998). Como Ayres et al. (2003, p. 134) trazem, “a rede de comunicação muitas vezes transborda o muro da escola e chega à casa, à família”.

Sabemos que muitos jovens acabam tirando suas dúvidas relacionadas à sexualidade e outros temas diretamente com seus amigos, e que as informações contidas nesses diálogos podem ser equivocadas ou distorcidas. Dessa forma, é imprescindível que os jovens se apoderem da informação correta para que saibam tomar suas decisões e possam passá-las adiante com propriedade. No entanto, quando a família também não consegue cumprir este papel e a escola se exime dessa responsabilidade, os amigos são as únicas fontes próximas, e é natural que sejam usadas.

Assim como constatado em trabalho realizado por Ayres et al. (2003), a maioria dos alunos da escola gosta do trabalho desenvolvido pelos colegas, e também se sentem orgulhosos por serem reconhecidos pelos pares como veículos de informação valiosa.

Considerações Finais

Não é possível quantificar com precisão a eficácia do trabalho sobre a melhoria no comportamento dos alunos da escola, mas durante o período de atuação do projeto tivemos informação de apenas dois casos de gravidez de estudantes da escola, bem como casos isolados de alunos com envolvimento com drogas. Ambos indicadores positivos, na medida em que esses números eram tradicionalmente maiores em nesta escola. É evidente que uma conversa aberta torna mais acessível o conhecimento, e com isso ocorre uma diminuição do número de casos objetivamente ligados à falta de informações.

O projeto esteve em andamento até o início de 2014 e contou com a colaboração de vários alunos concluintes do Ensino Fundamental e que ingressaram no Ensino

Médio em outras instituições. Estes alunos relataram sobre a vontade de levar o trabalho também para suas escolas, o que demonstrou o entusiasmo de participar do projeto e vislumbrar suas ações continuadas por outros colegas. Também denota a importância da discussão de temas relacionados à sexualidade, drogas e saúde no ambiente escolar.

Referências

AYRES, J. R. C. M. *Adolescência e AIDS: avaliação de uma experiência de educação preventiva entre pares*. Interface-Comunic, Saúde, Educ, v. 7, n. 12, p.113-28, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Sexualidade e Saúde Reprodutiva. *Saúde e Prevenção nas Escolas*. Vol. 1. Brasília, DF, 2011.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

LOURO, G. L. Sexualidade: Lições da escola. In: MEYER, D. E. E. (Org.) *Saúde e Sexualidade na Escola*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

OLIVEIRA, D. L. Sexo e Saúde na Escola: isto não é coisa de médico? In: MEYER, D. E. E. (Org.) *Saúde e Sexualidade na Escola*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

ROCHA FILHO, J. B.; BASSO, N. R. S.; BORGES, R. M. R. *Transdisciplinaridade: A natureza Íntima da Educação Científica*. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.